

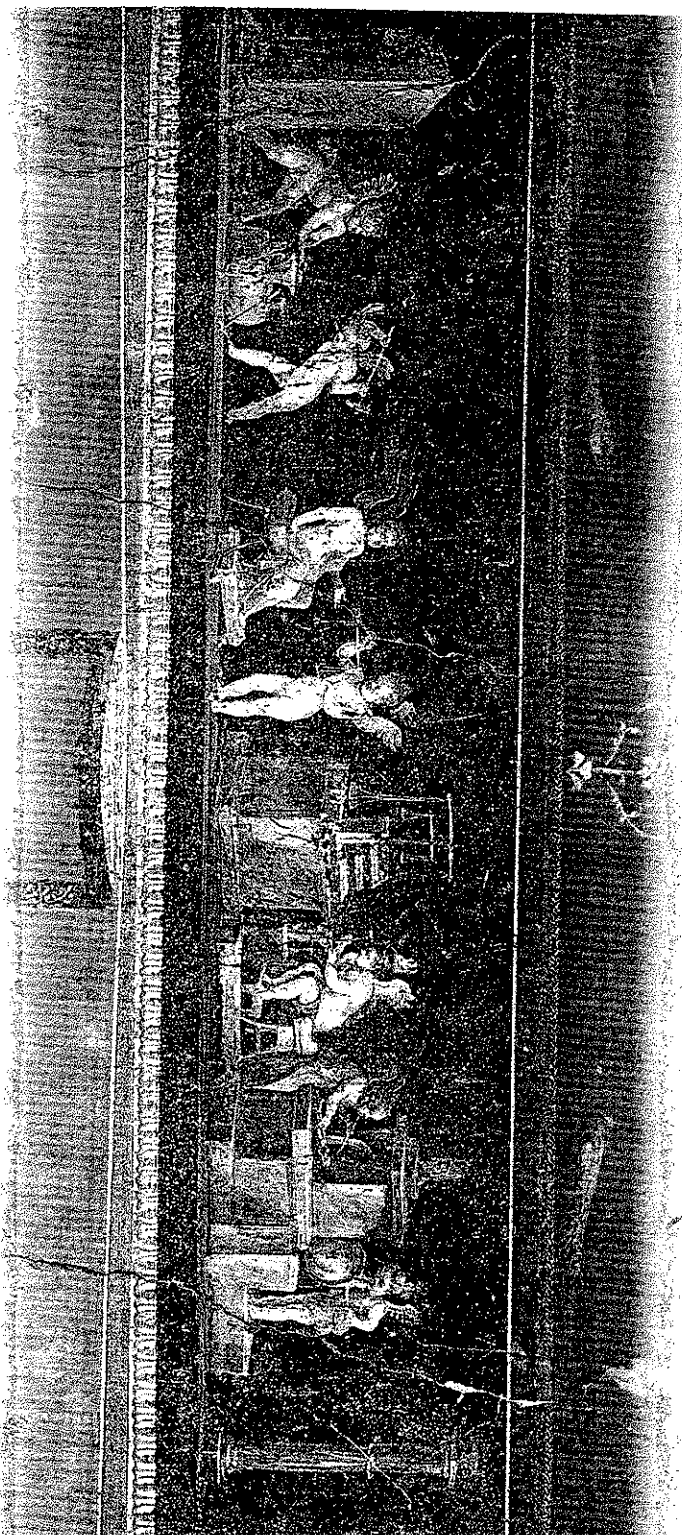
# **A Antiguidade Clássica e nós**

## **Herança e identidade cultural**

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA  
ANA LÚCIA CURADO  
(Org.)

Universidade do Minho  
Centro de Estudos Humanísticos

BRAGA • 2006



<b>PREÂMBULO</b> .....	7
<b>PROGRAMA DAS SESSÕES DO COLÓQUIO</b> .....	9
<b>COMUNICAÇÕES</b>	
<b>O mundo ocidental frente ao mundo</b> .....	17
R. M. ROSADO FERNANDES	
<b>Dois poemas de autor anónimo: a <i>Iliada</i> e a <i>Odisseia</i></b> .....	33
FREDERICO LOURENÇO	
<b>Arquifloco e a lenda das filhas de Licambas. Um olhar pela obra de Arquifloco e sua recepção</b> .....	41
CARLOS A. MARTINS DE JESUS	
<b>O motivo da <i>Philia</i> na <i>Medeia</i> de Eurípides</b> .....	53
MARIA DO CÉU FIALHO	
<b>A concepção dos figurinos na tragédia grega: alguns exemplos</b> .....	65
LÚISA DE NAZARÉ FERREIRA	
<b>Crises políticas – reflexões de ontem e de hoje. Contributos de <i>O Político</i> de Platão para o retrato do governante e do regime perfeitos</b> .....	73
CARMEN SOARES	
<b>Mimèsi tragica o <i>Verfremdungsprozess</i> in Platone? L'essere in sé nel discorso di Alcibiade (<i>Symp.</i> 215 d2-e6) e nella tragedia più bella (<i>Leg.</i> 817 b1-5)</b> .....	79
GIOVANNI PANNO	
<b>Mulheres na literatura grega antiga: recursos estilísticos?</b> .....	93
ADRIANA FREIRE NOGUEIRA	
<b>O cavalo e a jovem rapariga</b> .....	103
ANA LÚCIA CURADO e J. M. CURADO	
<b>Las leyes en los discursos deliberativos</b> .....	117
MARÍA JOSÉ MARTÍN VELASCO	

Do mito à utopia. Viagem ao mundo do imaginário grego .....	125
MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO	
A dupla patrão/criado na tradição cômica. A. J. da Silva, <i>Os Encantos de Medeia</i> ..	139
MARIA DE FÁTIMA SILVA	
A <i>Cásina</i> de Plauto – uma comédia de humor incontido .....	153
AIRES PEREIRA DO COUTO	
Terêncio, Africano, um poeta para os jovens .....	175
ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO	
Não é o corpo que peca, mas a alma. Ovídio e a infidelidade .....	187
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	
As potencialidades didáticas da obra de Marcial .....	207
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Uma réstia de ouro sobre o poço. Releitura problemática do anti-herói do <i>Satyricon</i>	219
WALTER DE MEDEIROS	
O <i>Satyricon</i> de Petrónio: malhas de acaso e descaso .....	227
DELFIN F. LEÃO	
A herança literária do <i>Asinus Aureus</i> de Apuleio: entre seriedade e frivolidade .....	243
CLÁUDIA AMPARO AFONSO TEIXEIRA	
Alexandre Magno, antepassado do Rei Artur: algumas notas sobre a influência clássica na matéria da Bretanha .....	255
ANA MARGARIDA CHORA	
Das feiticeiras da Antiguidade à santas da Idade Média .....	263
NATÁLIA MARIA LOPES NUNES DA GRAÇA	
A influência do Latim no tratamento das variantes lexicais nos primeiros dicionários da língua vernácula editados em Portugal .....	273
BRIAN FRANKLIN HEAD	
Uma carta de Cataldo ao camareiro-mor D. João Manuel .....	287
AMÉRICO DA COSTA RAMALHO	
Aires Barbosa e a defesa dos estudos clássicos: o testemunho dos textos .....	293
SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO	
A vítima sacrificial na tragédia grega: de Ifigénia a Inês de Castro .....	305
LINA MARIA MARQUES SOARES	

A Tábua de Cebes e o Jogo das Virtudes de João de Barros .....	317
ANTÓNIO MANUEL DE ANDRADE MÓNIZ	
Imitações de Sannazaro: o caso das églogas «De Natali Christi» e «De Christo Nato»	329
MANUEL J. DE S. BARBOSA	
A sobrevivência do repertório geométrico mosaístico romano na gramática decorativa dos pavimentos da pintura quinhentista .....	349
MARIA DE FÁTIMA ABRAÇOS	
O género bucólico em um poema jesuítico (BPE, cod. CXIV/1-39) .....	361
ARMANDO DUARTE SENRA MARTINS	
A mitologia grega no pensamento arcádico português .....	371
ANA CLARA SANTOS	
La pervivencia de la novelística griega en el siglo XVII español: <i>Los Hijos de la Fortuna</i> de Pedro Calderón de la Barca .....	385
ENRIQUE PÉREZ BENITO	
Um <i>Museion</i> na Lisboa liberal(izada): a <i>Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses</i> .....	399
ANA CRISTINA MARTINS	
«La Bella Elena»: Garrett e Offenbach .....	415
MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS	
Em torno de Orfeu, da literatura ao cinema: interpretações modernas do mito ....	433
JOÃO DOMINGUES	
A ópera de um mito: Orfeu e Eurídice na obra de Monteverdi e Gluck .....	447
PEDRO BRAGA FALCÃO	
O <i>Velliño</i> de José Rubinos, unha recreación do mito de Edipo .....	459
MARIA TERESA AMADO RODRÍGUEZ	
Medeias .....	469
ÍSILDA MARIA LOPES DE SOUSA RAMOS LETTÃO	
A traducción do Idilio II de Teócrito polo poeta Aquilino Iglesia Alvariño .....	481
AMELIA PEREIRO PARDO	
O <i>Corpo de Helena</i> : luz e sombras numa obra de Paulo José Miranda .....	489
ALESSANDRA C. JONAS NEVES OLIVEIRA	
El mito de Prometeo en la literatura inglesa e española: <i>Frankenstein</i> de M. Shelley y <i>El Señor de Pigmalión</i> de J. Grau .....	497
LUCÍA ROMERO MARISCAL	

<b>A tradição sempre renovada em <i>Sombras com Aquiles e Pentiseleia</i> de Vasco Graça Moura</b> .....	507
JOSÉ MANUEL VENTURA	
<b>O tema de Tróia na poesia portuguesa contemporânea</b> .....	517
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
<b>... e vissero per l'Arte ...</b> .....	535
JOLANDA CAPRIGLIONE	
<b>Guerra das Estrelas – o legado estóico à luz do sabre de George Lucas</b> .....	547
MARIANA MONTALVÃO HORTA E COSTA MATIAS	
<b>Exploração do jogo <i>Roma: Guerra Total</i> em contexto educativo</b> .....	559
LUÍS PEREIRA E ANA AMÉLIA CARVALHO	
<b>As máscaras da memória. «O Nome da Rosa» no Convento de Cristo em Tomar – o teatro como factor de revisitação e perenidade da antiguidade clássica</b> ..	567
ADRIANO MILHO CORDEIRO	
<b>Herança latina nos dias de hoje (contributos)</b> .....	575
MARIA ALCINA DOS MÁRTIRES LOPES	
<b>Modelos de integração: Grécia e Roma, ideias válidas para a Europa? 1. Grécia: um modelo de integração?</b> .....	585
MARIA LEONOR SANTA BÁRBARA	
<b>Modelos de integración: Grecia e Roma ¿Ideas válidas para la Europa? 2. Roma antigua y la integración europea?</b> .....	595
ANTONIO RUIZ CASTELLANOS	
<b>O ensino das línguas clássicas em Portugal em contexto europeu</b> .....	609
FRANCISCO DE OLIVEIRA	
<b>As Humanidades e a cultura pós-moderna</b> .....	619
VÍTOR AGUIAR E SILVA	

Este livro contendo as Actas do Colóquio *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e identidade cultural*, com organização de Virgínia Soares Pereira e Ana Lúcia Curado, edição da Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, foi composto e impresso nas Oficinas de Artes Gráficas de Barbosa & Xavier, Lda. - Braga. Acabou de ser impresso aos 18 de Outubro de dois mil e seis.

Depósito legal 245715/06

ISBN 972-8063-45-0

## Mulheres na literatura grega antiga: recursos estilísticos?

Adriana Freire Nogueira

Universidade do Algarve/CELL<sup>1</sup>

As personagens femininas da epopeia, do romance, as heroínas das tragédias, as mulheres comuns das comédias, todas elas são cantadas, versadas, narradas, louvadas, ridicularizadas, por homens<sup>2</sup>. Em que medida serão estas mulheres, com vidas e atitudes mais ou menos dignas, associadas a mitos ou à história, apenas fruto da liberdade poética dos seus autores/criadores?

Mais interessantes que as aventuras e desventuras das deusas sempre me pareceram as das simples mortais, mesmo quando representando nobres e elevadas acções<sup>3</sup>. Neste trabalho iremos cruzarmo-nos com algumas mulheres da literatura grega e tentaremos ver em que medida são reflexos do real ou são construções de um autor, condicionadas por uma liberdade poética, sendo usadas como «recurso estilístico».

Um dos aspectos que mais me atraiu no estudo da antiguidade clássica foi o da proximidade que podemos sentir destas personagens com milhares de anos. Esta mesma proximidade de sentimentos pode levar a pensar que pouco mudámos enquanto seres humanos: o que mudou foram as leis (os *nomoi*), nas suas concepções de individualidade, de homem, mulher, família, casamento, liberdade. E, contudo, a mudança das leis não implicou uma efectiva mudança de mentalidades.

Nesta reflexão vou referir-me a algumas mulheres «divulgadas» pelos autores da época clássica e a outras da época helenística. Esta última época, para alguns e durante muito tempo considerada como de decadência, é das mais interessantes da antiguidade. Na estatuária, por exemplo, temos representações de deformidades, de velhice, pobreza, bem diferente das linhas canónicas preconizadas e seguidas na época clássica. Na literatura, esta proximidade com a realidade também é maior. Continuamos a ter homens a escrever, mas demonstram maior conhecimento do pensamento feminino. Apesar de na tragédia termos mulheres a representarem sentimentos mais

<sup>1</sup> Artigo elaborado no âmbito da linha de investigação em Estudos Comparados, do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (CELL) da Universidade do Algarve, financiado pela FCT e participado pelo F.E.D.E.R.

<sup>2</sup> Com algumas conhecidas mas raras excepções, como Safo.

<sup>3</sup> Aristóteles, *Poética*, 1449b24: *É, pois, a tragédia imitação de uma acção de carácter elevado*. Tradução de Eudoro de Sousa. Sempre que não se indica a autoria, as traduções são da minha responsabilidade.

ou menos nobres, essa representação, no dizer de Aristóteles, imita acções e vida, não pessoas. Assim, Antígona, Fedra, Electra, etc., não passariam de «recursos estilísticos» que serviam um propósito específico.

### As mulheres sem nome – mulheres modernas

Pela influência que estas personagens da Antiguidade mantiveram até à contemporaneidade, conhecemo-las pelo nome próprio (se bem que este tenha perdido a sua força. Por exemplo, Medeia desindividualiza-se e um determinante indefinido basta para que «uma Medeia»<sup>4</sup> se generalize para «mãe assassina»). Mas há muitas mulheres sem nome, que são conhecidas apenas por serem «aquela que» fez isto ou aquilo. E embora nas narrativas tenham uma identidade, o seu nome não subsistiu na memória como sinónimo de nenhum comportamento a ter em atenção. No entanto, estas «mulheres sem nome» da literatura têm traços que identificamos (e com os quais nos identificamos) como modernos. Contrárias à ideia veiculada da esposa recatada no gineceu (influenciada pelo exemplo de Penélope), ou da que ama o marido a ponto de morrer por ele (literalmente falando, como Alceste) estas mulheres, se situadas no nosso século não se sentiriam completamente deslocadas: saem à rua, passeiam, vêem espectáculos, ou ficam em casa, têm amantes, enganam os maridos, ou são fiéis até à morte, mexericam, alcovitam, ou são discretas, enfim, poderíamos, inclusive, dar-lhes o nome de muitas nossas conhecidas.

Foi o acesso a essas mulheres que a época helenística (aqui citaremos Teócrito e os romances de amor e aventuras) nos proporcionou. Antes deste período da história grega já Aristófanes nos mostrara algumas personagens femininas nas suas comédias, mas o carácter jocoso das situações, a vulgaridade da linguagem ou o carácter pouco abonatório das suas acções afastam-nas dos exemplos referidos, não deixando este comediógrafo de ser uma fonte de informação com interesse<sup>5</sup>.

No entanto, as mulheres de Teócrito ou as dos romances helenísticos, por exemplo, são bem diferentes. Tomemos um excerto de *Quéreas e Calíroo*, romance de Cáriton de Afrodísias, do século I a.C.<sup>6</sup>, onde uma mulher grávida, raptada por piratas, feita escrava, julgando-se abandonada pelo marido,

<sup>4</sup> Em grego já se usava o plural para dar este sentido de generalização. Aliás, era a própria poética grega que, ao permitir e estimular a cópia de modelos literários, consentia na produção de «Helenas», «Fedras», «Antígonas», «Melanipas», etc.

<sup>5</sup> Dado que aparecem como informações inferidas e não intencionais. Em *As Mulheres que celebram as Tesmofórias* (tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva) descortinam-se algumas liberdades, nomeadamente ir a festas e passar a noite fora (v. 795).

<sup>6</sup> Sobre este romance, veja-se a introdução e a tradução (que citamos sempre) de Maria de Fátima de Sousa e Silva à sua versão portuguesa.

se encontra dividida entre a possibilidade de voltar a casar ou abortar o filho do casamento desfeito:

*Pois bem, agora passámos a ser três, marido, mulher e filho. Vamos decidir sobre os nossos interesses em comum. Para começar, vou eu dar a minha opinião. É como mulher de Quéreas, e só dele, que quero acabar os meus dias. Porque mais importante para mim do que pais, pátria ou o meu filho, é não conhecer outro homem. E tu, meu filho, o que preferes, no que te toca a ti? Um veneno que te mate antes de veres a luz do dia, seres lançado fora com a tua mãe e até mesmo privado do direito a um túmulo, ou viveres filho de dois pais, um da Sicília, e outro, o mais distinto da Iónia? Quando fores homem, facilmente serás reconhecido pelos teus progenitores (...) O teu voto é portanto contrário ao meu, meu filho; não me permites que morra. Vamos ouvir também a opinião do teu pai. Ou melhor, ele até já falou, quando me apareceu em sonhos: «Confio-te o nosso filho». Sê minha testemunha, Quéreas, és tu que me empurras para um casamento com Dionísio<sup>7</sup>.*

Ao discutirmos actualmente<sup>8</sup>, no nosso país, a despenalização do aborto (confundindo, muitas vezes, a despenalização com a aprovação desta prática como meio contraceptivo), estamos a admitir a diferença entre a moral, as opiniões e a lei por que nos regemos. Estamos também a dar razão aos primeiros que filosofaram e a outros que lhes seguiram que defendiam que as leis mudam e têm origem no «acordo voluntário dos indivíduos, preparados para concessões recíprocas»<sup>9</sup>. Por exemplo, Crítias afirmava que os deuses foram inventados pelos homens<sup>10</sup> e Cálicles, no *Górgias* de Platão, reforça a ideia: «Quanto às leis, estou convencido de que são feitas pelos fracos e pela grande massa, que agem exclusivamente no seu próprio interesse, fixando o que é digno de louvor e o que é digno de censura»<sup>11</sup>.

Teria, então, a mulher autonomia para pôr e dispor do seu corpo? A liberdade que estas mulheres revelam (independentemente da sua condição social ser ou não de escravas) com o seu corpo será uma manifestação da vivência da época ou será simplesmente poética?<sup>12</sup>

Efectivamente, a condição que Calíroo nos apresenta seria mais frequente do que se possa imaginar. Na Grécia antiga, o aborto, a par do infanticídio (Pomeroy, 1983) – geralmente sob a forma de exposição, isto é, abandono à morte – acontecia como forma de controlo de natalidade e, tal como em Roma, não era considerado crime (Clark, 1996). Dado que até a criança ser aceite pelo pai não tinha existência jurídica, esbatiam-se assim as

<sup>7</sup> 2.11. 1-3.

<sup>8</sup> Esta afirmação em breve tornará este um «artigo datado»...

<sup>9</sup> Declava Caizzi, na interpretação que faz do sofista Antifonte, p. 296.

<sup>10</sup> «Crítias, um dos tiranos de Atenas, parece que era do grupo dos ateus, dizendo que os antigos legisladores formaram um deus como um inspector das acções dos homens, boas e más, para que ninguém injuriasse o seu próximo secretamente mas que o honrasse com receio da vingança dos deuses». (Sexto Empírico, *Adv. Math.* IX 54, 1-5).

<sup>11</sup> 483b. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério.

<sup>12</sup> Até que ponto a liberdade de fazer greve aos deveres conjugais era possível, como faz Lisistrata?

diferenças entre abortar e expor (Pomeroy, 1975:69). Apesar de os médicos não o deverem praticar, não havia uma condenação ética absoluta do aborto. Platão mostra-se favorável a ele como modo de controlo demográfico e por razões económicas, e Aristóteles concorda que se pratique por razões génicas, estabelecendo mesmo uma data a partir da qual é censurável<sup>13</sup>.

Neste romance, o aborto é referido com naturalidade como a solução imediata para uma gravidez não desejada (ou melhor, desejada, mas noutras circunstâncias), não querendo com isto dizer que seja visto como uma acção louvável. Calíroo hesita variadas vezes, pois, apesar de estar apenas grávida de dois meses, já sente o amor de mãe a pesar na decisão e não quer seguir «as pisadas de Medeia» (2.9.4).

Não perdendo de vista que estamos perante escritas masculinas (porque escritas por homens)<sup>14</sup> as mulheres aparecem na literatura com uma liberdade que ultrapassa o espaço do gineceu, com uma consciência de si e das suas capacidades muito afirmada<sup>15</sup>.

Em tom de comédia, Teócrito apresenta-nos um mimo intitulado «As Siracusanas ou As Mulheres na festa de Adónis» (Idílio XV), que, com pequenas actualizações devido ao avanço da técnica (automóveis em vez de carros puxados a cavalos, casaco em vez de mantos, etc.), podia situar-se em qualquer grande cidade deste século. Se olharmos para além da narrativa, encontramos sinais de um tipo de vida com liberdade: mulheres que saem para ver (e ouvir) arte, que andam pelas ruas sozinhas, que falam com estranhos. Neste Idílio, duas amigas que foram anteriormente vizinhas visitam-se e saem para ver uma exposição. Vão acompanhadas pelas aias e uma delas deixa o filho em casa, com uma ama, tendo que disfarçar para poder sair e dizer mal do marido à vontade, pois quando o bebé percebe que estão a falar mal do pai chora:

*Gorgo – Ó amiga, não digas essas coisas do teu marido Dino em frente ao pequeno. Olha mulher, como ele está a olhar para ti! Está tudo bem, Zopirinho, meu menino mais docinho! Não se está a falar do papá!*

*Praxínoa – Pelas deusas! O bebé percebe!*

*Gorgo – Lindo papá!*

*Praxínoa – E ainda no outro dia houve outra com o papá dele – ora bem, no outro dia eu disse-lhe: «Pai, compra-me na loja sabão e 'rouge'» e aquele homem completamente estúpido chegou-me trazendo sal!*

*Gorgo – O meu é igual!*

[vv.11-18.]

<sup>13</sup> *Política*, 1335b19-25. Veja-se ainda a nota 170 a este passo, na tradução de António Capelo do Amaral e Carlos de Carvalho Gomes.

<sup>14</sup> François Lissarre, na análise que faz dos vasos pintados como documento figurativo das mulheres, também para a imagética afirma que esta é fruto, sobretudo, da inspiração masculina, sendo as imagens resultado de «um olhar masculino» (p.206).

<sup>15</sup> Cf., por exemplo, comédia de Aristófanes *Lisístrata*. Para a esposa «bem-nascida» (e não para a mulher do povo que trabalharia fora) e de como a iconografia se desvia de alguns modelos literários, veja-se Lessa, 2001.

E dá o exemplo de algo que o marido comprou por um preço exorbitante, sendo óbvio que foi enganado. Criticam ainda a estupidez e rudeza dos homens: ciumento da amizade entre as duas, o marido de Praxínoa levou a família para morar num subúrbio. Já na rua, conversam com um estranho que recupera o manto que uma delas ia perdendo; na exposição; comentam entusiasticamente a estátua de Adónis com um certo toque de brejeirice e discutem com um desconhecido que se queixa que elas não param de falar. Depois da sessão de canto a que assistem, Gorgo exclama: *Ó Praxínoa, como a mulher é um ser tão sábio!*

Se neste idílio podemos compreender alguma liberdade de expressão e de movimentos na Grécia helenística, também é perceptível que a mulher não tinha grande poder de decisão (pois eram os maridos que escolhiam o local para viver, bem como faziam as compras no mercado, de modo a deixá-las em casa sempre que possível).

### Amor – Casamento

Contrariamente às personagens femininas de Eurípides criticadas pelas mulheres nas Tesmofórias (como se não fossem, também estas, personagens!), acusadas de adultério, um dos aspectos realçados nos romances helenísticos é a fidelidade e a castidade, valores defendidos por ambos os sexos. Pretendendo ser ou não espelho da época (Billault, 1991: 303)<sup>16</sup> a contenção sexual é característica destes jovens enamorados. Só motivos de força maior poderão levar um ou outro a ceder a um contacto físico com terceiros, como o que acontece com Calíroo, que decide casar uma outra vez para que o filho não nasça escravo e tenha um pai.

A união em segundas núpcias é referida no romance de Cáriton com uma estrutura semelhante à do matrimónio tradicional (um homem mais velho com uma mulher mais jovem, pertencente a uma boa estirpe). Dionísio poderia tomar a jovem como concubina, já que esta lhe pertencia (visto ser escrava), mas opta por legalizar a situação. O filho dela (que ele pensa ser seu) será, deste modo, herdeiro de um grande poder e fortuna. Esta parece ser a novidade: um desejo que se considera definitivo e por isso deve ser satisfeito pela união legal e não simplesmente consumado fora do casamento<sup>17</sup>.

O casamento, no mundo real da época clássica, não era regido pela lei do amor. Não quer dizer que não pudesse acontecer, mas não estava na base do matrimónio<sup>18</sup>. A mulher não tinha poder para decidir com quem se casar ou quando se divorciar (Manville 1997:13). O casamento era um contrato que

<sup>16</sup> Este autor defende nas suas conclusões que, apesar de ao serviço da criação literária, «le roman grecque s'ouvre sur le monde extérieur et le représente non sans fidélité».

<sup>17</sup> O que não seria uma prática incomum – não contando com as prostitutas. Cf. Idílio II de Teócrito, *As Feiticeiras*.

<sup>18</sup> Como não esteve até há bem pouco tempo na nossa sociedade ocidental e continua a não estar em muitas outras sociedades.

garantia a legitimidade dos filhos e a permanência da aristocracia<sup>19</sup>. A virgindade da mulher era requerida, não por razões morais, mas para que a bastardia não ameaçasse a estrutura familiar. Daí que ao homem não fosse pedida qualquer espécie de fidelidade. As relações que estabelecia não faziam perigar a instituição, já que a sua utilidade estava bem definida e não seriam as cortesãs ou as prostitutas que iriam fazer frente à esposa legítima. O mundo masculino queria confinar a mulher casada ao gineceu<sup>20</sup>, embora a satisfação de desejos fosse considerada natural e mesmo necessária<sup>21</sup>, pois fazia parte do homem sentir assim. E as segundas núpcias aconteciam com regularidade.

Pode-se igualmente documentar diferenças nos séculos posteriores, nomeadamente através de inscrições. As qualidades de esposa e mãe continuam, mas as declarações de amor e de admiração pelas mulheres perdem um certo carácter de condescendência para se tornarem mais intensas, como aquele que diz que tem saudades dela, que a amou em vida e que a continuará a amar debaixo da terra<sup>22</sup>.

### As mulheres com nome

Regresso ao princípio; como um círculo que se fecha, e revejo as mulheres com nome, as mulheres exemplo, aquelas a quem chamei «recuso estilístico». Permito-me essa extrapolação, pois as palavras remetem para as figuras usadas na retórica das quais os poetas se socorrem para conseguir os seus objectivos (sejam eles quais forem, dada a quantidade e agrupamentos em que as podemos organizar). Estas mulheres serviram determinados objectivos que não tinham necessariamente a ver com a realidade que se vivia e a sua força foi tão grande que perdurou, tornando-se parte da herança que os clássicos nos deixaram.

Percebe-se por que razão Antígona é uma das personagens mais ricas, pois as posições que toma foram tendo referentes ao longo dos tempos. Antígona pode ser vista como mais que um exemplo de um sentimento nobre de família e de respeito pelos deuses e suas leis, preferindo obedecer-lhes a respeitar os decretos dos homens, conquistando assim a admiração e o respeito, não só de outras personagens, como Hémon, que se insurge contra Pai, por a ter mandado matar, mas dos espectadores, ouvintes e leitores do texto. A filha de Édipo coloca o ateniense do século V a.C. (e qualquer europeu do século XXI) perante a duradoura e propecta discussão do valor

<sup>19</sup> Cf. Platão, *Eutídemo*, 306c: «empenhei[-me], por causa dos meus filhos, em tantas outras coisas – por exemplo, num casamento que lhes permitisse ter uma mãe pertencente às melhores famílias». E ainda, *Leis*, VII, 771b, «No casamento, a regra que se deve seguir não é a do gosto e prazer de cada um mas a utilidade pública».

<sup>20</sup> Citando ainda *As mulheres que celebram as Tesmofórias*, v. 420: «tudo aquilo que nos competia antigamente, governar a casa, ir à despensa buscar a farinha, o azeite, o vinho».

<sup>21</sup> Platão, *Republica*, VIII 559c; Aristóteles, *E.N.*, VII, 4, 1147 b 25.

<sup>22</sup> Citado por Mary R. Lefkowitz, 1996: 76.

do *nomos*. Não terá sido inconscientemente que Sófocles aborda esta temática, pois a imutabilidade da lei não acontece naturalmente, como se quis afiançar, mas por vontade dos homens. Antígona pode ser vista não como uma conscienciosa cumpridora das leis divinas, mas como uma defensora do direito consuetudinário que se opõe às modificações dos legisladores, umas vezes por razões legítimas, de enriquecimento democrático, muitas vezes por interesses passageiros<sup>23</sup>. É por se encontrar no «catálogo» de «recursos estilísticos» que podemos falar de um plural *Antígonas*<sup>24</sup>. Quando Jean Anouille nos apresenta uma Antígona que nos parece egoísta, insatisfeita, com desejo de morrer, que afirma não querer compreender as razões que Creonte lhe apresenta para a salvar, podemos ler aí a representação do desejo de manter a pureza contra o conformismo que a salvação lhe traria, imagem mais adequada à França ocupada dos anos 40 do século XX. A mesma personagem, isto é, o mesmo nome daquela figura de retórica, foi usada por Maria Zambrano, aqui com contornos filosóficos e místicos profundos, onde o túmulo onde é colocada para morrer se torna vida e esperança: «um berço és; um ninho. A minha casa. E sei que te abrirás. E entretanto, talvez me deixes ouvir a tua música, porque nas pedras brancas há sempre uma canção. [...] Nem a ti, morte, te direi para vires»<sup>25</sup>. Nesta *A Tumba de Antígona*<sup>26</sup> é visível a experiência de exílio, sendo Antígona «símbolo da consciência em estado nascente»<sup>27</sup>, aquela que se sacrifica para a purificação de uma culpa que a transcende, permitindo-lhe, deste modo, a libertação.

Se aquelas mulheres da literatura helenística pareciam mais próximas da contemporaneidade, também estas mulheres estão perto de nós por diversas razões. Reconhecemos em tantos casos lidos nos jornais ou divulgados por novelas televisivas de grande audiência a Medeia que mata os filhos, a Fedra que se apaixona pelo enteado, a Electra que exige do irmão um matricídio. Se repudiamos estes paradigmas e achamos que não teríamos comportamentos semelhantes, admiramos Antígona por ser corajosa e fazer frente a um poder estabelecido, interrogando-nos se seríamos capazes de nos submeter a tal sofrimento em nome de verdades. E se também assim não teríamos o destemor de nos comportarmos, consola-nos a recordação da nossa história nacional: Antígona vive nas figuras que se acercam da nossa memória recente e que já se encontram na esfera do mito, do imaginário político-popular, como

<sup>23</sup> Sobre a mutabilidade da lei, veja-se Camassa 2005.

<sup>24</sup> Como o faz Georges Steiner no seu livro *Antígonas*, onde analisa a subsistência do mito na arte, na literatura e no pensamento europeu em geral. Em Portugal, foi publicada no 1.º suplemento da revista *Agora* (2001) uma série de estudos dedicados a este tema sob o título *as Máscaras Portuguesas de Antígona*, completada por umas úteis «Bibliografia Selecta» e «O Mito de Antígona em Portugal. Cronologia».

<sup>25</sup> Tradução gentilmente cedida por Maria João Neves e Dario Suarez Serón, ainda não publicada.

<sup>26</sup> Publicado em Paris em 1967, pela 1ª vez.

<sup>27</sup> Estudo de Maria João Neves em *Actas do Teatro* n.º 19 (2004) da ACTA (A Companhia de Teatro do Algarve), p. 11.

Catarina Eufémia, e em outras que, por estarem cronologicamente mais próximas, como a escritora Maria Lamas ou a pintora Margarida Tengarrinha, as sabemos como mulheres reais, que sofreram na prisão por convicções políticas não aceites pelo governo da sua época.

### Conclusão

Próximas de nós, as mulheres da literatura grega antiga, seja ela arcaica, clássica ou helenística, são fruto da liberdade poética dos seus autores. Podemos tentar descortinar informações sobre o mundo real que o olhar masculino vai deixando transparecer nos seus escritos e esse mundo não idealizado<sup>28</sup> está mais próximo dos nossos sentimentos e vivências mais comuns. Ao considerar «recurso estilístico» as figuras femininas que a literatura grega nos deixou, estou a acarinhar as Jocastas que não se suicidaram ou os Édipos<sup>29</sup> que não se cegaram, bem como as Antígonas que teimam em viver.

### Bibliografia

- ARISTÓFANES, *As Mulheres que Celebram as Tesmofórias*. Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva (2001), Lisboa, Ed. 70.
- ARISTÓTELES, *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa (1998, 5.<sup>a</sup>), Lisboa, INCM.
- ARISTÓTELES, *Política*. Tradução de António Capelo do Amaral e Carlos de Carvalho Gomes (1998), Lisboa, Vega.
- BILLAULT, Alain (1991), *La création romanesque dans la littérature grecque à l'époque impériale*, Paris, PUF/écriture.
- CAMASSA, Giorgio (2005), «Du changement des lois», *Le législateur et la loi. Hommage à François Ruzé*, Presses Universitaires de Caen.
- CÁRITON, *Quéreas e Calíroo*. Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva (1996), Lisboa, Ed. Cosmos.
- CLARK, Gillian (1996), «Roman Women» in MCAUSLAN, Ian e WALCOT, P., ed., *Women in Antiquity*, Oxford, Oxford University Press.
- DECLÈVA CAZZI, F. (1986), «Hysteron proteron: la nature et la loi selon Antiphon et Platon», in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 91, pp. 291-310.
- LISSARRE, F. (1993), «A figuração das mulheres» in DUBY, G. e PERROT, M. (eds.), *História das Mulheres. A Antiguidade*, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 203-271.
- LEFKOWITZ, Mary: R. (1996), «Wives and Husbands» in MCAUSLAN, Ian e WALCOT, P. (ed.), *Women in Antiquity*, Oxford, Oxford University Press.

<sup>28</sup> Para o bem e para o mal. Se a lei grega não era muito específica relativamente às mulheres, a lei romana era bem mais clara, não se traduzindo algumas igualdades em reais conquistas femininas. Mais uma vez, como ainda hoje.

<sup>29</sup> Sejam personagens de Bernardo Santareno ou reais.

- LESSA, Fábio de Souza (2001), *Mulheres de Atenas. Mélissa do Gineceu à Agorá*, Rio de Janeiro, Laboratório de História Antiga - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.
- MANVILLE, Philip Brook (1997), *The Origins of Citizenship in Ancient Athens*, Princeton, University Press.
- PLATÃO, *Eutidemo*. Tradução de Adriana Freire Nogueira (1999), Lisboa, INCM.
- PLATÃO, *Górgias*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério (1992), Lisboa, Edições 70.
- POMEROY, Sarah B. (1975), *Goddesses, Whores, Wives and Slaves. Women in Antiquity*, New York, Dorset Press.
- POMEROY, Sarah B. (1983), «Infanticide in Hellenistic Greece» in CAMERON, Averil and KUERT, A. (ed.), *Images of Women in Antiquity*, London & Camberra, Croom Helm, pp. 207-219.
- STEINER, Georges (1986), *Antígonas*, Oxford, Oxford University Press.
- ZAMBRANO, Maria, *A Tumba de Antígona*. Tradução de Maria João Neves e Dário Suarez Serón [ainda não publicada].